

TRAÇOS DE UMA CULTURA NO ENSINO FORMAL

Carmem Maria Aguiar¹

RESUMO

O trabalho aborda uma experiência com educação escolar em uma comunidade de negros, que vive semi-isolada no sudeste do Estado do Tocantins, na região norte do Brasil, onde o sistema matriarcal representa apenas uma das diferenças entre sua cultura e a dos indígenas e dos brancos sertanejos brasileiros que, como eles, vivem na zona rural. A implantação de uma escola municipal na comunidade, sem levar em conta as especificidades de seu modo de vida, entrou em choque com o processo informal de transmissão e aquisição de conhecimentos, perpetuados através de várias gerações. A pesquisa, realizada através da observação participante no contexto de um estudo etnográfico, levanta os pontos conflitantes mais significativos -- conteúdo, metodologia e procedimentos básicos -- do ensino escolar, que muitas vezes, como no caso da Barra, o afastam dos objetivos mesmos a que se propõe alcançar.

Este texto é um breve resumo de uma pesquisa sobre o funcionamento de uma escola implantada numa comunidade de negros que vive semi-isolada no sudeste do Estado do Tocantins. Mais precisamente, numa fazenda, distante cerca de 50 Km da sede administrativa (na verdade, um pequeno vilarejo) do município de Santa Tereza. Trata-se de um povo, cujo sistema matriarcal representa apenas um dos aspectos que diferenciam sua organização sócio-cultural da dos indígenas e dos brancos sertanejos brasileiros, que, como eles, vivem na zona rural.

A rápida valorização das terras dessa região, onde foi implantada a nova capital de Estado,

trouxe novos fazendeiros e, com eles, o inevitável conflito pela posse das terras. Dessa forma, com a intermediação da Igreja Católica na tentativa de apaziguar os conflitos deflagrados, a comunidade -- conhecida atualmente na região como "povo da Barra", por morar num local chamado Barra da Aroeira -- entrou em contato, até então inexistente, com uma nova cultura que lhe era bastante estranha e foi de certa forma convencida de que a alfabetização das crianças, a implantação de uma escola -- contra a qual manifestava, a princípio, uma resistência intransponível -- seria um caminho para garantir sua permanência na terra, numa região em que já se encontrava desde meados do século passado.

A escola, entretanto, foi implantada, há aproximadamente sete anos, sem levar em consideração as especificidades do seu modo de vida. Para uma melhor compreensão da maneira como os membros dessa comunidade interpretam a educação escolar, da postura da comunidade e algumas dificuldades e limitações das professoras -- que tentaram, sem sucesso, ajustar o conteúdo e os procedimentos da educação formal, próprios do ensino básico escolar, às crianças, acostumadas com um processo radicalmente diferente -- diante da nova forma de ensino e aprendizagem, segue um breve resumo do funcionamento da escola na Barra da Aroeira.

A metodologia de ensino e o conteúdo das disciplinas teoricamente não diferem, por imposição da própria Delegacia de Ensino, das demais escolas

¹ Professora do Departamento de Educação Física - I.B. - UNESP - Rio Claro.

públicas da região. Lá, como nas outras escolas do município, existe a expectativa de que as crianças decorem as letras do alfabeto, que sigam as lições da cartilha fornecida pela prefeitura. Espera-se que os alunos aprendam a ler e a escrever.

Antes do início formal da escola, as duas professoras -- membros da comunidade e por esta indicadas --, tendo aceito a indicação, passaram por um curto período de treinamento fora da comunidade. Receberam os materiais didáticos básicos, ou seja, lápis, cadernos, giz, lousa, cartilhas e um manual do professor produzido pelo antigo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Este material, como muitas vezes acontece na rede pública de ensino, não foi suficiente.

Embora tenha muitos pontos em comum com as escolas da rede oficial de ensino de outras localidades, ainda assim a escola ou a educação formal na Barra, durante seus mais de sete anos de existência, tem funcionado com uma série de particularidades que merecem ser apontadas.

Um desses aspectos, que aqui cabe ressaltar, é que a escola é frequentada por todas as crianças da comunidade, independentemente do fato de serem "normais" ou apresentarem graus variados de "deficiência física e mental". As pessoas da comunidade alegam que todas as crianças, se tiverem interesse, podem aprender. Muitos adultos afirmam sua crença de que um dos principais ingredientes que devem nortear a relação ensino/aprendizagem é a consideração pela vontade das crianças, para que estas possam dispor de toda a sua capacidade, partindo do seu próprio interesse.

As crianças da Barra têm hábitos muito diferentes das crianças de outras localidades próximas, assim como os pais e professoras. Muitos dos problemas que surgem diariamente na sala de aula, embora aparentemente iguais aos de outros lugares, têm, na verdade, origens diferentes.

As diferenças começam, muito antes de as crianças chegarem à escola, na relação com os seus primeiros professores, os mestres-artesãos. Pelo fato de ser um povo que vive semi-isolado, as crianças recebem dos próprios artesãos os ensinamentos essenciais para as necessidades básicas, como a confecção artesanal de objetos e utensílios.

"Nessa relação, as crianças aparentemente não são pressionadas a aprender sem que tenham interesse; até porque, depois de adultas, cada uma vai executar as tarefas ou artesanatos de acordo com suas habilidades. Parecem também dispor do tempo que for necessário para a aprendizagem. Os mestres das atividades, por sua vez, possuem, de acordo com o valor atribuído pela própria comunidade, uma "capacitação inegável" para executar suas tarefas e, na hora de ensinar, são despreziosos, e trabalham sem pressa e com aparente prazer.

Justamente uma das dificuldades das professoras em seguir as recomendações do manual do MEC ocorre em relação à disciplina das crianças em classe, o que já criou problemas entre pais, alunos e professores. Segundo as professoras, foram necessários mais de dois anos para que as crianças se habituassem a permanecer por mais de uma hora dentro da sala de aula. É interessante notar que, em seu ambiente natural, essas mesmas crianças estão acostumadas a ficar até uma tarde inteira modelando argila ou executando uma outra atividade do gênero." (AGUIAR, 1994)

As professoras, na verdade, fazem e admitem um programa para cumprir obrigações legais, mas dificilmente o desenvolverão. Elas alegam ainda que não tem nada contra a resistência das crianças em aprender uma atividade em que não enxergam a validade.

A opinião compartilhada pela maioria dos membros da comunidade é de que a educação formal

é inadequada, imprópria ou ineficiente em confronto com a forma como organizam suas vidas. Eles tecem críticas à educação veiculada na escola tendo como base e fundamento as experiências acumuladas ao longo de muitos anos de ensinamentos e a "educação sócio-cultural" veiculada entre seus membros -- uma experiência eficaz de transmissão e aquisição de conhecimentos, passados dos mais velhos para os mais jovens, através de um procedimento informal em que a vida e os acontecimentos diários estão de acordo com o meio ambiente em que vivem. Desenvolveram desse modo os costumes, as regras de convivência sociais, modos e hábitos que lhes têm garantido solucionar os problemas imediatos de sobrevivência.

Os pais, das crianças que vão à escola, não compartilham de nenhuma responsabilidade sobre a frequência ou não às aulas. Uma atitude que adotam também em outros afazeres que envolvem as crianças. Estas são estimuladas a fazerem as coisas de que necessitam e com as quais desenvolveram alguma relação de identidade. Os adultos acreditam que aos poucos as crianças se tornam aptas a executar todas as atividades de que necessitam para a vida diária. Muitos dos pais chegam até a desestimular o comparecimento das crianças à escola, considerando o ensino formal sem nenhuma utilidade prática -- a praticidade, aliás, é uma característica marcante da forma como organizam a vida.

Quando relacionam o seu dia-a-dia, suas atividades diárias, com o trabalho da escola, identificam facilmente o descompasso gritante que realmente existe entre um e outro. A base das divergências está, na verdade, associada à forma com que esse povo transmite seus conhecimentos há várias gerações. As crianças, por exemplo, entram em contato desde muito cedo com as necessidades do grupo. Na confecção dos objetos artesanais, na coleta dos frutos nativos -- eles dependem, em parte, do extrativismo para

a sobrevivência --, nos rituais religiosos e festivos, no uso as ervas medicinais etc. Uma experiência vinculada diretamente ao meio ambiente e às suas necessidades imediatas (vale lembrar que o grupo não lida com excedentes de produção).

"Levando-se, evidentemente, em conta o contexto em que vivem, podemos dizer que, dentre esses dois tipos de ensino, aplicados de forma simultânea às crianças da Barra, o informal apresenta uma maior eficácia do que o formal. Como diz uma das professoras, "... no fim, a criança aprende a fazer pote, cesto de palha, e não sabe ler nem escrever."

"Na verdade, vida e educação se confundem no dia-a-dia dessa comunidade. Pode-se dizer que a relação entre os seus membros envolve, na maioria das vezes, a transmissão diária dos conhecimentos, dos mais velhos para os mais jovens, seja durante as caminhadas para a coleta de frutos no mato, ou nas conversas no final do dia, na confecção dos objetos artesanais, no trabalho da agricultura ou durante os cultos religiosos.

Dessa forma, as crianças representam um elemento importante na cadeia de relações entre os componentes do grupo. Segundo os moradores da Barra, pelas crianças vale lutar pela vida e pela terra, pela sobrevivência e pela subsistência. Muitas de suas declarações parecem embutir a ideia de que sua cultura, tradição e conhecimentos serão preservados através da transmissão dos mesmos para suas crianças. Na fala dos adultos que compartilham dessas ideias, fica claramente explicitado que uma das suas maiores preocupações, além da permanência na terra, é possibilitar às suas crianças um desenvolvimento capaz de torná-las adultas em condições de criar, da mesma forma, seus filhos. As crianças parecem dispor de um espaço bastante flexível na vida da comunidade para exercitar suas potencialidades. Isso significa, por exemplo, que não é estabelecido previamente o tempo que uma criança deve levar para desenvolver determinada habilidade." (AGULAR, 1994)

Essas expectativas e valores, hábitos e costumes, explicam em parte suas divergências em relação à educação escolar. As críticas feitas pelo povo da Barra estão relacionadas não apenas à forma, mas também ao conteúdo e à metodologia do ensino escolar.

Para os pais das crianças dessa comunidade, a escola é um local onde seus filhos ficam limitados àquele espaço físico, deixando de adquirir outros conhecimentos que julgam mais importantes e necessários. Para eles, os ensinamentos adquiridos nas lições da cartilha não são capazes de ajudá-los, e justificam exemplificando a falta de capacidade da escola em levar as crianças a se interessar pelas lições por ela veiculadas. Neste sentido, as próprias professoras confessam não entender o significado de muitas coisas que encontram nas cartilhas. Motivo que as leva a alterar com frequência as lições originais, quanto tentam ensinar as crianças a ler e escrever as letras do alfabeto.

Fazem adaptações muitas vezes curiosas: o texto "Eva viu a uva" (associado à letra v), por exemplo, foi modificado para "Eva viu a cagaita". Trata-se de uma fruta muito comum naquela região; é parecida com a uva, embora de cor amarelo-limão. Na velha cartilha, a cor e a forma da fruta estavam bastante indefinidas, aumentando ainda mais as dúvidas das crianças e professoras, e dando margem a muitas interpretações.

O conhecimento das professoras e das crianças em relação ao meio ambiente em que vivem, favorecem as adaptações das lições. Um aspecto positivo, mas que não chega a criar no grupo um apelo que instigue e aguace o desejo de aprender a leitura e a escrita da língua portuguesa. A maior parte do tempo em que ficam na escola é destinado à tentativa de decifrar o significado de palavras e frases das lições. As lições de casa não são realizadas por falta de material e até de

recursos como mesa e cadeira, objetos inexistentes nas casas da Barra da Aroeira. Normalmente sentam-se em cepos de madeira ou mesmo ficam acocorados. As palavras às quais não conseguem atribuir algum significado, mesmo que aproximativo, são simplesmente excluídas, como é o caso de elefante, óculos etc..

Dificuldades como essas representam apenas parte dos problemas encontrados pelo grupo na escola. Outras divergências, geradas pela distância entre o ensino formal e o informal (a que estavam acostumados) dão origem a opiniões curiosas sobre as atividades escolares, como a manifestada por uma das mães:

"Nu cumeçu, ês viru, na lição o caso das abeia -- a palavra abelha aparecia na lição da cartilha para ser trabalhada -- a Maria (nome fictício) mostrô prá nois. Na ota foia parô de falá nas abeia. Us mininu daqui, quais tudu sabi das abeia, o mel, a cera de pô na boca da candeia, a hora de mexê cuesa, as frô qui es apricia, us pau da morada. Tem muntos tipo de abeia. Grande, piquena, preta, marela. Nóis caçô nas ota foia do livro e as foia falava dota coisa e ota e mais ota".

Questionadas sobre o que esperavam encontrar nas lições seguintes, uma outra disse:

"Us istudu é pá insiná o nome e as iscrita das coisa. Só o nome da abeia num diana nadinha, issu num fais us mininu sabê das abeia. A ferruada das marela é braba, i issu num fala. Tá fáci de vê us mininu cu prazu pirdidu na iscola".

Quando vão coletar frutos, mel, madeira etc. na mata, os mais velhos ficam atentos para chamar a atenção dos mais jovens para o que se passa. Falam de diversos aspectos; por exemplo, de uma planta, de um

animal ou de uma fruta, que são encontradas pelo caminho. Sempre sobre algo que julgam parte importante dos conhecimentos que devem ser adquiridos desde cedo em suas vidas. É um processo cotidiano e ininterrupto de aprendizado, em que os mais jovens aos poucos vão introjetando os saberes do grupo, passando a acreditar, respeitar e compactuar com a forma de interpretar e organizar a vida.

O conteúdo das atividades escolares, conforme vimos acima, não é o único criticado pelos pais e professoras. O comportamento das crianças também não lhes agrada. A idéia de que se deve falar um de cada vez é para eles muito estranha e representa até um problema. Se considerarmos suas experiências não teremos dificuldades em entender o que os aflige. O depoimento, anotado logo abaixo, revela sua discordância a respeito da forma, adotada por outras culturas, para estabelecer uma ordem na compreensão das conversações. Falar um de cada vez não faz parte das regras por eles estabelecidas. Nas reuniões sociais, religiosas etc. não dependem desta norma para se entender, mesmo quando se trata de um grande grupo reunido.

"Na iscola us mininu fala a hora qui u otru num tá falanu. Mininu tem a cabeça pregada ni tudu qui vê. Si num fala na hora, omenu prum qui tá pertim iscutá, dispois isqueceu. As coisa de falá na iscola num é munta, um mucado dexa isquecê, vai inu caba".

Nas reuniões realizadas com um grande número de pessoas, todos parecem falar ao mesmo tempo. Como em diversas comunidades indígenas. O que não os impede de tomar decisões, de discordar uns dos outros, fazer propostas; chegam a realizar dessa maneira verdadeiras assembleias, como é o caso das reuniões para tratar da questão da terra. Uma clara demonstração de

que os discursos sobrepostos não representam nenhum problema na compreensão da comunicação é que conseguem, durante essas reuniões aparentemente tumultuadas, organizar festas e rituais, elaborados com uma grande riqueza de detalhes.

Para finalizar, gostaria de reforçar a importância de se levar em consideração a realidade sócio-cultural onde se pretende atuar, para melhor desenvolver o ensino formal. As reflexões e pesquisas em Educação devem buscar elementos e fundamentos, nos diferentes redutos sociais, que possam favorecer e apoiar o ensino e o funcionamento escolar. É preciso questionar a antiga idéia de procurar fórmulas capazes de articular uma ação de envergadura nacional. As diferenças sócio-culturais existem e requerem ações educativas adequadas à cada realidade específica. Pais, alunos e professores devem estar juntos e atentos para buscar os caminhos que possam estimular e cultivar o gosto pelo aprendizado. Em cada canto, em cada lugar, a educação escolar ou o ensino formal pode atuar somando-se aos diferentes saberes, de modo contextualizado.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, C. M. **Educação, Cultura e Criança**. Papyrus. Campinas 1994.
- ANDRADE, M. P. **Terra dos Índios**. Relatório para Exame de Qualificação de Doutorado. USP. São Paulo. 1989.
- BRANDÃO, C. R. **Educação Como Cultura**, Ed. Brasiliense. São Paulo. 1984.
- MEAD, M. **Educacion y Cultura**, Ed. Paidós. Buenos Aires - Argentina. 1972.